CARMELUS TOTUS NAZARENUS EST

SANTA TERESA E A FAMÍLIA DE NAZARÉ

I PARTE – V32, 11

a la una puerta nos guardaría San José y Nuestra Señora
la otra, y Cristo andaría con nosotras

Santa Teresa de Jesus

Neste artigo, em duas partes, propomos uma reflexão sobre o lugar da Família de Nazaré em Santa Teresa de Jesus. S. Castro, no seu estudo *El fulgor de la palabra,* desenvolve brevemente a ideia de que «o Carmelo, como a Igreja, surgem da família de Jesus, Maria e José»[1], tomando-a Teresa como uma referencia privilegiada, entre outras.

Ela assume nos seus carmelos, por exemplo, a pobreza do «presépio de Belém, onde nasceu [Cristo]» (CV 2, 9). Exorta, também, as suas irmãs a terem a mesma gratitude de Jesus e Maria para com José (V 6, 8). Vê-os, ainda, como protetores do Carmelo (V32, 11) e vive a sua relação com ambos como um meio para receber a salvação de Deus (V33, 14-15). Neste ultimo sentido é também relevante notar como Teresa reconhece a Maria e José na sua vida como uma imagem, ícone, que a desperta a amar e que por isso mesmo a "salvava": «muitas vezes, estando completamente perdida[2], pela sua intercessão tornava-me Deus a dar saúde» (CC 30).

É verdade que as referencias explicitas à Família de Nazaré são escassas[3], mas o que lhes falta de quantidade, compensam em qualidade pois são profundamente significativas. Das cinco que contabilizámos, identificamos V32, 11 e V33, 14-15 como as mais importantes para a nossa reflexão. Nesta primeira pretendemos fazer a introdução à reflexão e abordar V32, 11; já na segunda refletiremos sobre V33, 14-15 e concluiremos este estudo.

O itinerário de Teresa

Para contextualizar adequadamente V32, 11 parece-nos oportuno referir brevemente o itinerário de Santa Teresa até à fundação do carmelo de São José. Neste sentido, analisando uma série de episódios estruturantes na vida de Teresa[4] até esse momento podemos observar como se entrelaçam distintas dimensões importantes na sua vida. Destacamos as relações com Jesus, Maria e José. Não temos aqui o espaço para uma análise mais detalhada, mas veja-se o despertar para a virtude, uma «recordação mariana»[5] segundo Tomás Álvarez, ou a orfandade prematura de Teresa. A longa experiência dos seus anos de doença e paralisia, finalmente interrompidos por auxílio de São José. Ou então as diversas visões de Cristo que vão guiando Teresa, fazendo-a descobrir a *sacratíssima humanidade ressuscitada* do Salvador. O qual introduz-nos noutra dimensão profundamente estruturante no itinerário de Teresa: o desejo de salvação, própria e dos demais.

---

[1] Secundino Castro*, El fulgor de la palabra* (EDE: Madrid, 2012) 129

[2] O original espanhol é mais ilustrativo: *yendo del todo perdida*.

[3] Nós contabilizámos cinco: V6, 8; V32, 11; V33, 14-15; CV 2, 9; R30.

[4] O despertar para a virtude (± 1521, V1); a fuga para terra de mouros (1524, V1); a orfandade prematura (1528, V1); o ingresso na Encarnação (1535, V3); a doença e cura (1539-42, V6); a mediocridade e regresso à oração (1542-54, V7-8); a sua conversão (1554, V9); a experiência de Cristo, livro vivo (1559, V26); a visão do inferno (1560, V32, 1-9); a primeira visão de Cristo (Junho de 1560, V27); o serão num entardecer de setembro (Setembro de 1560, V32, 10); a Visão do Carmelo como Casa de Nazaré (Outono de 1560, V32, 11); a segunda visão de Cristo (Janeiro de 1561, V28); a Visão da Sagrada Família (Agosto de 1561, V33).

[5] T. Alvaréz, *El primer texto mariano de Santa Teresa* in Estudios Teresianos III (1996) 456

De facto, no *Livro da Vida* Teresa conta-nos a sua história, «mas como historia de salvação, e fá-lo-á com uma extensa "relação" que será simultaneamente autêntica teologia narrativa»[6]. Ela, efetivamente, entende-se a si mesma e à sua vida desde a sua experiência de Cristo, o Salvador, pelo que esta dimensão da sua relação com Cristo pode ser tomada como um fio condutor capaz de descodificar experiências, decisões e episódios da sua vida. Entendemos *salvação* como «o estado de um indivíduo ou de um povo que vive numa relação íntima com Deus, o que, por sua vez, marca de forma permanente uma nova vida destinada a abrir-se e desenvolver-se»[7].

Acreditamos que as passagens já referidas relacionadas com a origem do Carmelo Descalço e a Família de Nazaré conjugam estas quatro coordenadas teresianas – Jesus, Maria, José e salvação.

Visão do Carmelo como Casa de Nazaré (Outono de 1560, V32, 11)

«Num entardecer de setembro de aquele ditoso ano de 1560, depois de se terem reunido as habituais amigas na cela de Dona Teresa (...), começaram a falar do tema do dia: a situação das ordens religiosas, a quem o rei recorria nos momentos cruciais. A atenção centrou-se naquilo que dizia diretamente respeito àquele mosteiro»[8]:

> «Estando eu com certa pessoa, ela perguntou-me a mim e a outras, se não estaríamos nós para ser freiras à maneira das Descalças! (...) Eu, como andava já com estes desejos, comecei a tratar do assunto (…). Por outro lado, não me acabava de resolver porque me sentia muito satisfeita no mosteiro onde estava (…). Resolvemos, contudo, encomendar muito este caso a Deus» (V32, 10).

Alerta E. Martinez que não devemos reduzir esta dificuldade de Teresa a um capricho; afinal de contas, foi na Encarnação que ela começou o seu itinerário de vida com Cristo, sendo por isso normal o vínculo[9]. Trata-se das normais dores de crescimento sentidas quando Deus nos pede mais. Será neste contexto de dificuldade e discernimento que em outono de 1560 Teresa terá a visão do Carmelo como Casa de Nazaré (V32, 11)[10]:

> «Tendo um dia comungado, mandou-me Sua Majestade, com muita insistência, que avançasse [na reforma] com todas as minhas forças. E deixou-me grandes promessas de que não se deixaria de fazer o mosteiro e que Deus se serviria muito nele. Mandou-me ainda que lhe pusesse o nome de S. José, pois uma das portas seria guardada por ele, a outra por Nossa Senhora e Cristo andaria connosco; o mosteiro seria uma estrela que dá de si grande resplendor. Apesar de as Ordens Religiosas estarem relaxadas, não deveria pensar que Ele era pouco servido nelas, pois que seria do mundo se não houvesse Religiosos! Mandou que contasse tudo isto ao meu confessor e que Ele lhe pedia para que não fosse contra nem mo impedisse» (V32, 11).

O parágrafo 11 do capitulo 32 de *Vida* é intitulado, por T. Alvaréz, como «o carisma de fundadora»[11] e declara:

> «Teresa quis deixar expressamente registada a origem transcendente de toda a sua aventura como fundadora, (…) [e, para isso], repetirá também a sua repugnância interior perante a presente "ordem de

---

[6] T. Alvaréz, *Libro de la Vida* in Diccionário Teresiano, dir. T. Alvaréz, 2ª ed., vrs. *ebook* (Monte Carmelo: Burgos, 2000)
[7] Andre Brouillet, *Cartografía de la salvación - enseñanzas teresianas sobre soteriología* in Revista de Espiritualidad 76 (2017) 419
[8] Otger e Efrén de la Madre de Dios, *Tiempo y vida de Santa Teresa* n.º 557
[9] Cf. Emílio Martinez, citação oral tomada de um curso lecionado pelo mesmo no Teresianum.
[10] Teresa não data esta visão, mas segundo T. Alvaréz (em *cronologia* in Obras Completas, Monte Carmelo: Burgos, 2017) sabemos que foi falar com o padre Pedro Ibañez (V32, 16) em outono de 1560 na sequencia desta visão, pelo qual se deduz que a visão terá tido lugar antes dessa conversa.
[11] T. Alvaréz, *Comentarios al Libro de la Vida* (Monte Carmelo: Burgos, 2009) 288

> envio": "senti uma enorme pena" (…). Mas a "ordem de envio" revela-se irresistível para ela. Dedica a este tema o cerne do capítulo. É uma das passagens mais determinantes de todo o livro»[12].

Este número é, ainda, considerado por F. Léthel como o mais importante parágrafo para a reforma teresiana. Assim o comenta nos exercícios espirituais que pregou à cúria romana em 2011:

> «Mais um texto breve, mas de imenso alcance teológico. Trata-se, de facto, da Sagrada Família como ícone eclesiológico perfeito. (...) De facto, a realidade essencial da Igreja, que é a comunhão com Jesus no Espírito Santo, ou seja, a fé, a esperança e a caridade, já foi vivida da forma mais perfeita, exemplar e insuperável por Maria e por José»[13].

É de sublinhar como F. Léthel desenvolve a ideia de confluir as origens da Igreja e do Carmelo em Nazaré. Teresa parece acolher como paradigma o acolhimento que Maria e José fazem da humanidade de Jesus em sua casa para estruturar o Carmelo. Inspirar-se-á noutras imagens bíblicas, como a casa de Betânia (CV 17, 5) ou o Colégio de Cristo (CE 20,1), «mas será Jesus a pedir que, no mosteiro de São José de Ávila, berço da descalcez, se viva a vida que Ele viveu em Nazaré»[14], como alerta M. del Pilar. Neste sentido, «esta visão da Igreja no seio da Sagrada Família, com Jesus no meio, Jesus no centro e sob a vigilância protetora de Maria e de José, tem um valor universal, para cada pessoa, homem ou mulher, para cada família, assim como para cada comunidade»[15].

Com isto em mente, podemos então continuar com o comentário ao parágrafo. Primeiramente, é de sublinhar o contexto eucarístico da visão: *tendo um dia comungado*. É a partir da Presença Real de Jesus-Eucaristia que Teresa recebe a força para levar para diante um projeto que lhe estava a custar. É também a partir da Presença Real de Jesus-Eucaristia que *Sua Majestade,* lhe assegura os frutos de tal projeto. Ele mesmo *se serviria muito nele,* isto é, 1) Jesus seria muito servido, amado, pelas irmãs do Carmelo e por quem elas contagiassem com o seu fervor, e 2) Deus servir-se-ia muito do Carmelo para comunicar o Seu amor, como podemos ver na promessa de que *seria uma estrela que dá de si grande resplendor.* Este segundo significado, implícito, é uma consequência do primeiro, como manifesta o uso de *dar de sí.* Afinal de contas, como poderia a fundação de São José 'dar de si' este amor de Deus, esta luz de *grande resplendor*? Atendamos ao que o diz Jesus a Teresa imediatamente antes.

Acaba de dizer que será muito servido pelas irmãs do Carmelo e manda que o Carmelo se chame "São José", que o tenha a uma porta e Nossa Senhora na outra, e Cristo – ele mesmo, portanto – andaria entre um e outro, com as irmãs. Comentando esta passagem, M. del Pilar nota que

> «o Senhor coloca a Virgem Maria e São José em pé de igualdade; ambos devem proteger e ajudar, para que vivam de tal forma que Jesus se sinta agradado com eles. (…) [E continua:] colocar a Virgem Maria e São José em pé de igualdade constitui um enriquecimento específico do Carmelo Teresiano na forma como, até então, se vivia o carisma da Ordem do Carmelo»[16].

É verdade que «Teresa vai contemplar Jesus praticamente em todas as facetas da vida pública, mas fá-lo-á sempre à luz da Páscoa, tal como os discípulos O contemplaram (...): "na maior parte das

---

[12] T. Alvaréz, *Comentarios al Libro de la Vida* (2009) 288-89

[13] François-Marie Lethél, *La luce di Cristo nel Cuore della Chiesa* (Libreria Editrice Vaticana: Roma, 2011) 282

[14] María del Pilar, *Las Constituciones de los frailes realizan una buena condensación del carisma del Carmelo Teresiano* (2020) in https://carmeloteresajuan.wordpress.com/2020/07/12/las-constituciones-de-los-frailes-realizan-una-buena-condensacion-del-carisma-del-carmelo-teresiano (consultado em 24/07/2026)

[15] François-Marie Lethél, *La luce di Cristo nel Cuore della Chiesa* (2011) 282-83

[16] María del Pilar, *Las Constituciones de los frailes*(2020) in https://carmeloteresajuan.wordpress.com/2020/07/12/las-constituciones-de-los-frailes-realizan-una-buena-condensacion-del-carisma-del-carmelo-teresiano (consultado em 24/07/2026)

vezes, o Senhor aparecia-me ressuscitado...”»[17] (V 29,4), «via-o na sua carne glorificada» (V29, 4). De facto, veremos mais adiante quando aprofundarmos V33, 14-15, que Teresa vive este ícone da Sagrada Família centrada no Ressuscitado.

Sim, o Carmelo nasce da Sagrada Família, mas com certas nuances. Na experiência de Teresa está principalmente Jesus Ressuscitado ao centro de Maria e José. É a partir desta configuração com o Ressuscitado por intercessão de Maria e José, como veremos na segunda parte, que o Carmelo *daria de si uma luz de grande resplendor*: Cristo, «na sua carne glorificada» (V29, 4) é a luz do mundo!

Concluímos esta primeira parte notando como para a compreensão de Jesus Ressuscitado será muito importante para Santa Teresa a visão de 1561, narrada em V28. Segundo, S. Castro, esta segunda experiência de Cristo (a primeira está narrada em V27) foi “uma escola de encarnação”[18]: Teresa vê-se imersa na vida concreta de Jesus. Enquanto na visão de V27 «a Humanidade e a Pessoa de Cristo se fizeram presentes, sectorialmente, no espírito de Teresa (…) [em V28] a perceção desenvolve-se em direção a zonas e dimensões normais[,] incorporando ao festim toda a humanidade de Teresa, com a sua sensorialidade e corporeidade»[19]. Ele tem mãos, rosto, enfim, tem um corpo que mais do que corpo é *corpo glorioso, ressuscitado*. No fundo, os textos permitem ler que Cristo terá centrado Teresa na Sua «carne glorificada» (V29, 4) porque «a carne é o eixo da salvação»[20], como nos ensina Tertuliano. Tenhamos isto em mente ao passarmos para a segunda parte do nosso estudo.

Frei Pedro da Sagrada Família

[17] C. García, *La experiencia de Dios en el Libro de la Vida de santa Teresa de Jesús* in Scripta Theologica 47 (2015) 432
[18] Citação oral de S. Castro
[19] T. Alvaréz, *Jesucristo en la experiencia de Santa Teresa* in Estudios Teresianos vol. III (1996) 27
[20] Tertuliano, *De carnis resurrectione,* 8, 3